

Relendo Raul de Leoni

Sânzio de Azevedo

MURILLO Araújo, poeta de formação simbolista, e seguramente um dos precursores do Modernismo brasileiro com os versos algo ousados de seu livro Carrilhões, de 1917, afirmou, num artigo publicado em 1965: “Nunca neguei nem negarei jamais a importância que teve em nossa renovação artística a famosa Semana de Arte Moderna em 22. Sustentei, porém, sempre que em São Paulo houve então a revolução, enquanto no Rio vinha havendo a evolução.”¹

Ao longo de seu artigo, Murillo Araújo cita diversos escritores que, na então Capital Federal, se vinham antecipando à nova corrente, como, entre outros, Adelino Magalhães, Hermes Fontes, Mário Pedemeiras, Gilka Machado, Manuel Bandeira e ele próprio.

Consideramos justa a observação do poeta das Árias de Muito Longe, mas estranhmos não haver ele mencionado o nome de Raul de Leoni, poeta que merece, tanto quanto os que mais o mereçam, o título de pré-modernista.

Estranhmos essa omissão mas, por amor à verdade, seja dito que o próprio criador do termo “Pré-Modernismo”, que foi Alceu Amoroso Lima, ao traçar o que chamou de quadro sintético da nossa literatura, não incluiu Raul de Leoni no capítulo dedicado ao Pré-Modernismo, e sim no do Modernismo, no grupo dos que designou independentes, onde o poeta ficou ao lado de Monteiro Lobato, Jackson de Figueiredo, Humberto de Campos e Martins de Fontes.²

A verdade é que, ao considerar o Pré-Modernismo vigente no período de 1900 a 1920, bem poderia o crítico haver nele enquadrado Raul de Leoni, cujo livro de estréia, a Ode a Um Poeta Morto, é de 1919, sendo de 1922 seu livro principal, Luz Mediterrânea.

Massaud Moisés não estudou o poeta em O Simbolista (1966), mas o fez no volume 3 de sua História da Literatura Brasileira (1985), dedicado ao movimento simbolista.

Fernando Góes, sim, incluiu o poeta nessa corrente de transição, e dele disse que “foi um dos pontos altos da poesia do Pré-Modernismo”.³

Por sua vez, Alfredo Bosi, em cujo livro O Pré-Modernismo figura Raul de Leoni, ao falar do termo, criado por Alceu Amoroso Lima (Tristão de Athayde), observa que temos de entender o termo Pré-Modernismo em dois sentidos, “nem sempre coincidentes: 1.º) dando ao prefixo ‘pré’ uma conotação meramente temporal de anterioridade; 2.º) dando ao mesmo elemento um sentido forte de precedência temática e formal em relação à literatura modernista”. Em seguida, explica o ensaísta que o primeiro critério permite sejam considerados pré-modernistas poetas como Amadeu Amaral e Martins Fontes ou prosadores como Raul Barbosa e Coelho Neto, os quais, “pelo segundo critério, mais rigorosamente estético, seriam verdadeiros antimodernistas”.⁴

A nosso ver, tal como ocorre com o Realismo e o Naturalismo, em que o primeiro engloba o segundo (nem todos os realistas são naturalistas, mas todos os naturalistas são realistas), no caso do Pré-Modernismo o critério de precedência cronológica abrange o da precedência estética. Assim, todo pré-modernista o seria do ponto de vista temporal, mas nem todos do ponto de vista estético.

Poetas que se enquadram no segundo critério, na nossa opinião mais importante porque não aponta simplesmente para a precedência no tempo, foram, entre outros, os já citados por Murillo Araújo e, além da figura tumultuária de Augusto dos Anjos, a serena figura de Raul de Leoni.

Nascido em Petrópolis, no Estado do Rio de Janeiro, em 30 de outubro de 1895, Raul de Leoni Ramos iria falecer, tuberculoso, aos 31 anos de idade, em Itaipava, no mesmo Estado, em 21 de novembro de 1926. Sua estréia em livro, como foi dito, ocorreu em 1919, com um opúsculo de apenas 19 páginas, a Ode a Um Poeta Morto, dedicada “À memória de Olavo Bilac”, que havia falecido em dezembro do ano anterior. O poema é polimétrico, indo do tetrassílabo ao alexandrino, mas com visível predominância do decassílabo:

Semeador de harmonia e de beleza
Que num glorioso túmulo repousas,
Tua alma foi um cântico diverso,
Cheio da eterna música das cousas:
Uma voz superior da Natureza
E uma idéia sonora do Universo!

Onde passaste, ao longo das estradas,
Linhas de imagens rútilas e vivas,
Em filigrana,
Foram tecendo, como o olhar das fadas,
Nas mais nobres e belas perspectivas,
O panorama dos ideais da Terra
E a ondulante paisagem da alma humana.

Toda a emoção, que anda nas cousas, fala,
Nos seus diversos tons e reflexos e cores,
Pela tua palavra irisada de opala,
Feita de radiações e finas tessituras;
Desde a vida sutil da borboleta
À alma leve das águas e das flores
À exaltação do Sol e ao sonho das criaturas:
Toda a sensualidade esparsa do planeta.

A estrofe seguinte se inicia com dois versos que têm o poder de resumir e definir a poesia de Bilac:

Freme em tua arte o sangue de Dionisos,
Diluído nas virtudes apolíneas.

Depois de evocar a Índia, a Grécia, as paisagens bíblicas, o Império Romano, os califados do Oriente, a Germânia feudal, e até a Paris de setenta, com Lacomte e Banville, termina com esta estrofe:

Dignificaste a Espécie, na nobreza
Das grandes sensações de Harmonia e Beleza;

Disseste a Glória de viver, e, agora,
O teu eco a cantar pelos tempos em fora,
Dirá aos homens que o melhor destino,
Que o sentido da Vida e o seu arcano,
É a imensa aspiração de ser divino,
No supremo prazer de ser humano!

Medeiros e Albuquerque, em 1928 (data da segunda edição de Luz Mediterrânea), mesmo admitindo que o poeta, no seu livro de estréia, se dirigia a Bilac, afirma que ele tem, nessa ode, “a verdadeira pintura que de si mesmo fez”.⁵ Diga-se de passagem que o primeiro verso do poema, “Semeador de harmonia e de beleza”, foi mandado inscrever, por amigos de Raul de Leoni, em sua lápide, segundo informa Luiz Santa Cruz.⁶

Andrade Muricy, depois de se referir à Ode a Um Poeta Morto, e de lembrar que ela foi dedicada à memória de Bilac, adverte: “Dedicada à memória desse poeta, e não sobre ele, declarou-o reiteradamente Leoni. O seu tema é o Poeta de todos os tempos, a figura mesma do poeta.” (Os grifos são do autor) Não sabemos onde o poeta teria reiteradamente afirmado o que diz o crítico, mas o certo é que, por alguns dos versos transcritos, fica claro que Leoni se dirigia mesmo a Bilac. O que parece é que, sendo Muricy o paladino do Simbolismo, evidentemente antipatizava com o Parnasianismo, mesmo o de Bilac, o que não deixa de comprometer um tanto sua interpretação.

O que não nos parece correto é incluir Raul de Leoni entre os parnasianos. “Considerá-lo parnasiano é um equívoco advindo do fato de ter ele dedicado a Ode a Um Poeta Morto à memória de Olavo Bilac; mas cultuar a memória de um grande Poeta, como foi Bilac, não significa ser de sua corrente”⁸, observou Péricles Eugênio da Silva Ramos.

No livro do poeta, não encontramos um só poema que possa rigorosamente ser classificado como parnasiano, mesmo considerando-se o fato de que o Parnasianismo, no Brasil, esteve quase sempre a léguas de distância da impassibilidade da escola francesa.

Paradoxalmente, além do gosto pelo soneto (o que, de resto, se encontra em Cruz e Sousa e outros simbolistas), uma das notas que

aproximam a poesia de Leoni da de Bilac, por exemplo, é o tom crepuscular que os versos deste último assumiram nos poemas de Tarde. Bilac diz assim, no soneto "O Vale", do derradeiro livro: "Sou como um vale, numa tarde fria, / Quando as almas dos sinos, de uma em uma, / No soluçoso adeus da ave-maria / Expiram longamente pela bruma." E, em "As Estrelas", do mesmo livro: "Desenrola-se a sombra no regaço / Da morna tarde no esmaiado anil; / Dorme, no ofego do calor febril, / A natureza mole do cansaço." Este tom crepuscular se aproxima bastante da dicção de alguns sonetos de Raul de Leoni, como este, intitulado justamente "Crepuscular":

Poente no meu jardim... O olhar profundo
Alongo sobre as árvores vazias,
Essas em cujo espírito infecundo
Soluçam silenciosas agonias.

Assim estéreis, mansas e sombrias,
Sugerem à emoção em que as circundo
Todas as dolorosas utopias
De todos os filósofos do mundo.

Sugerem... Seus destinos são vizinhos:
Ambas, não dando frutos, abrem ninhos
Ao viandante exânime que as olhe.

Ninhos, onde vencida de fadiga,
A alma ingênua dos pássaros se abriga
E a tristeza dos homens se recolhe...

Lembre-se, no entanto, que aqueles sonetos de Bilac (e outros mais) representam o que existe de menos parnasiano em sua obra.

Há outros sonetos de Leoni nesse mesmo diapasão de deliquêscência outonal, como "Torre Morta do Ocaso" ("Esguia torre, ascética, esquecida / Na bruma de um crepúsculo profundo! / És, no mais triste símbolo do mundo, / A renúncia tristíssima da Vida!") e este belíssimo soneto intitulado "A Hora Cinzenta":

Desce um longo poente de alegria
Sobre as mansas paisagens resignadas;
Uma humaníssima melancolia
Embalsama as distâncias desoladas...

Longe, num signo antigo, a Ave-Maria
Abençoa a alma ingênua das estradas;
Andam surdinas de anjos e de fadas,
Na penumbra nostálgica, macia...

Espiritualidades comoventes
Sobem da terra triste, em reticência
Pela tarde sonâmbula, imprecisa...
Os sentidos se esfumam, a alma é essência
E entre fugas de sombras transcendentais,
O Pensamento se volatiliza...

Toda essa atmosfera penumbrista remete para o Simbolismo, e foi por isso que Andrade Muricy incluiu o poeta em seu panorama da corrente no Brasil. Segundo as palavras do crítico, "Raul de Leoni não é um epígono simbolista, mas não seria bem como foi se o simbolismo não tivesse introduzido em nossa sensibilidade, em nossa imaginação e em nossa linguagem poéticas tantos elementos modificadores".⁹

Também Péricles Eugênio da Silva Ramos abrigou poemas de Leoni em sua Poesia Simbolista, de 1965. Isto, apesar de Otto Maria Carpeaux haver afirmado: "Raul de Leoni foi o último parnasiano". Mas o crítico logo em seguida disse que ele "talvez chegasse a ser um grande poeta simbolista".¹⁰

Estranho é Manuel Bandeira não haver contemplado o poeta em sua Antologia dos Poetas Brasileiros da Fase Simbolista, de 1965, onde figura José Albano, que nada tem a ver com a corrente de Verlaine. Mas Bandeira foi coerente com o que expressara na sua Apresentação da Poesia Brasileira, quando disse: "A emoção filosófica situa-o em posição quase solitária na poesia brasileira."¹¹

E aqui aparece o traço mais característico da poesia de Leoni: a presença do aspecto filosófico, do culto das idéias. Com efeito, sua poesia é feita muito mais de pensamento do que de sentimento.

Cláudio Ganns, no primeiro artigo escrito sobre Luz Mediterrânea, estampado na revista Fon-Fon em julho de 1922, já destacava isso ao dizer: “Este que vem é um grande poeta. Poetas de claridades esplêndidas e de vigor apolíneo. A luz intelectual que jorra dos seus poemas, de harmonias gregas e de força romana, é bem a maravilhosa ‘luz mediterrânea’, que criou os melhores monumentos da civilização latina.” Adiante, Ganns mostra-nos Raul de Leoni como “Poeta intelectual, que procura seus ‘motivos de arte’ na vida dignificadora das idéias”.¹²

Rodrigo M. F. de Andrade, no prefácio que, surgido na segunda edição de Luz Mediterrânea, de 1928, iria acompanhar as outras edições desse grande livro de cento e poucas páginas, depois de lembrar que, para Bergson, “a idéia é uma parada do pensamento; nasce quando este, em vez de seguir o seu caminho, faz uma pausa ou reflete sobre si mesmo”, sendo reais esses movimentos, enquanto ligados uns aos outros, e sendo que “a idéia em si é um mero esquema de um daqueles movimentos”, observa: “Para Raul de Leoni, entretanto, as idéias representam seres vivos. Das aventuras de cada uma delas, é que extrai a poesia, como os épicos a extraíam dos episódios da carreira dos heróis. Ele foi entre nós, e o foi com singular grandeza, o único poeta de emoção puramente filosófica.”¹³

Realmente, no soneto “Platônico...”, é assim que o poeta fala das idéias:

As idéias são seres superiores,
- Almas recônditas de sensitivas –
Cheias de intimidades fugitivas,
De escrúpulos, melindres e pudores.

Façamos um parêntese para condenar a má qualidade de muitas de nossas edições: no volume de Luz Mediterrânea que compulsamos, a oitava edição, da Livraria Martins Editora (publicada em julho de 1952, como está indicado na última página), o quarto

verso está “De crepúsculos, melindres e pudores.” Sentindo que se quebrava o verso, a não ser que o poeta houvesse feito uma síncope não assinalada em crepúsculos, o que não era usual em Raul de Leoni, e não possuindo a edição príncipe da obra, fomos ao número 15 de Autores e Livros, dedicado ao poeta, e lá encontramos o soneto, com o verso tal como o escreveu o autor: “De crepúsculos, melindres e pudores”, o que não apenas regulariza a métrica, mas dá maior sentido à mensagem do poeta.

O mais grave, porém, é que o erro tende a se perpetuar, uma vez que no volume 58 dos “Nossos Clássicos” da Agir, Raul de Leoni, organizado por Luiz Santa Cruz, fala este de uma 9.ª edição, de 1959, de Luz Mediterrânea, onde o verso deve estar errado, pois no texto do volume aludido vêm os incríveis “crepúsculos”...

O erro deve vir da segunda edição, de 1928, pois na Poesia Simbolista ela é citada, e não somente o verso vem com o erro, como Péricles Eugênio da Silva Ramos ainda põe uma nota com o esclarecimento: “Síncope em crepúsculos (crepusc'lo).”¹⁴

Na citada oitava edição lemos este trecho do poema “Florença”:

Ó Pátria sereníssima
Das formas puras, das idéias claras;
Das igrejas, das fontes, dos jardins;
Dos mosaicos, das rendas, dos brocardos; (sic)

Ao reproduzir, desta forma, o último verso transcrito, Luiz Santa Cruz, em nota, referindo-se ao vocábulo brocardos, explica: “Expressão tomada com o significado de provérbios e axiomas, no caso elegantes e de estilo rendilhado à moda florentina renascentista.”¹⁵ Mas, considerando-se o erro a que atrás aludimos, e a própria logicidade da seqüência, somos propensos a acreditar haja o poeta escrito: “Dos mosaicos, das rendas, dos brocardos”.

“Alma de origem ática, pagã”, é como o poeta define a si próprio, no “Pórtico” de seu livro, em que também afirma:

Tenho o prazer sutil do pensamento
E a serena elegância das idéias...

O pensador está em quase todos os poemas (e nem estamos pensando naqueles em que as elucubrações são mais ostensivas, como “Unidade”, “Egocentrismo” ou “De Meu Evangelho”), como, entre outros, no soneto “Prudência”:

Não aprofundes nunca, nem pesquises
O segredo das almas que procuras:
Elas guardam surpresas infelizes
A quem lhes desce às convulsões obscuras.

Contenta-se com amá-las, se as bendizes,
Se te parecem límpidas e puras,
Pois se, às vezes, nos frutos há doçuras,
Há sempre um gosto amargo nas raízes...

É também o caso da “Legenda dos Dias”, por sinal uma de suas produções mais divulgadas:

O Homem desperta e sai cada alvorada
Para o acaso das cousas... e, à saída,
Leva uma crença vaga, indefinida,
De achar o Ideal nalguma encruzilhada...

As horas morrem sobre as horas... Nada!
E ao Poente, o Homem, com a sombra recolhida
Volta, pensando: “Se o Ideal da Vida
Não veio hoje, virá na outra jornada...”

Ontem, hoje, amanhã, depois, e, assim,
Mais ele avança, mais distante é o fim,
Mais se afasta o horizonte pela esfera;

E a Vida passa... efêmera e vazia:
Um adiamento eterno que se espera,
Numa eterna esperança que se adia...

E já que falamos em produções mais divulgadas, é interessante advertir que Raul de Leoni jamais foi nem poderia ser um poeta

lido e amado pelo povo, pelo menos na intensidade de um Castro Alves, no Romantismo, ou de um Bilac, no Parnasianismo. Entretanto, ele teve a ventura de ser prestigiado por modernistas e conservadores. Como assinalou Rodrigo M. F. de Andrade, “agradava aos primeiros pela independência de sua obra, aos segundos pela formação clássica de sua cultura”.¹⁶

Outro soneto que fez fortuna entre os leitores do poeta foi “Ingratidão”, um dos responsáveis talvez pela identificação de Leoni com o Parnasianismo, já que vários sonetos desta corrente usam o processo que vemos aqui, qual seja o de narrar um fato e em seguida, geralmente nos tercetos, fazer uma comparação, como ocorre, entre outros, com “As Pombas”, de Raimundo Correia, “O Lago”, de Júlia Cortines, “Asas”, de Heitor Lima, e vários outros:

Nunca mais me esqueci!... Eu era criança
E em meu velho quintal, ao sol-nascente,
Plantei, com a minha mão ingênua e mansa,
Uma linda amendoeira adolescente.

Era a mais rútila e íntima esperança...
Cresceu... cresceu... e, aos poucos, suavemente,
Pendeu os ramos sobre um muro em frente
E foi frutificar na vizinhança...

Daí por diante, pela vida inteira,
Todas as grandes árvores que em minhas
Terras, num sonho esplêndido, semeio,

Como aquela magnífica amendoeira,
Eflorescem nas chácaras vizinhas
E vão dar frutos no pomar alheio...

Numa conferência pronunciada por ocasião do cinquentenário da Luz Mediterrânea, falando do aparecimento do livro, Walter Benevides observa que ele “era magro de páginas, nem sequer duzentas, tal qual a maioria dos congêneres; mas, a bem dizer, não tratava de amor, o que já era um começo de singularidade”.¹⁷

Na verdade, apenas uma vez, e ainda assim sutilmente, perpassa a nota lírico-amorosa pelos versos desse livro. É no soneto “História Antiga”, outro dos textos amados e decorados pelos admiradores do poeta:

No meu grande otimismo de inocente,
Eu nunca soube por que foi... um dia,
Ela me olhou indiferentemente,
Perguntei-lhe por que era... Não sabia...

Desde então, transformou-se de repente
A nossa intimidade correntia
Em saudações de simples cortesia
E a vida foi andando para a frente...

Nunca mais nos falamos... vai distante...
Mas, quando a vejo, há sempre um vago instante
Em que seu mudo olhar no meu repousa,

E eu sinto, sem no entanto compreendê-la,
Que ela tenta dizer-me qualquer coisa,
Mas que é tarde demais para dizê-la...

Apenas uma vez, porque o grande soneto de amor do poeta, às vezes intitulado “Argila”, não figurou na Luz Mediterrânea. É esta a “obra-prima que todos os brasileiros deveriam saber de cor”¹⁸, na opinião de Agrippino Grieco:

Nascemos um para o outro, dessa argila
De que são feitas as criaturas raras;
Tens legendas pagãs nas carnes claras,
E eu tenho a alma dos faunos na pupila...

Às belezas heróicas te comparas
E em mim a luz olímpica cintila.
Gritam em nós todas as nobres taras
Daquela Grécia esplêndida e tranqüila...

É tanta a glória que nos encaminha
Em nosso amor de seleção, profundo,
Que (ouço ao longe o oráculo de Elêusis),

Se um dia eu fosse teu e fosses minha,
O nosso amor conceberia um mundo,
E do teu ventre nasceriam deuses...

Carlos Maul escreveu uma breve nota em que diz: “Um dos mais belos sonetos de Raul de Leoni não apareceu na primeira edição de Luz Mediterrânea publicação (sic) em vida do poeta. Só começou a ser divulgado nas que se imprimiram depois de sua morte.” E, baseado, segundo diz, no testemunho do livreiro Carlos Ribeiro, afirma que o soneto teria sido feito sob o influxo de uma paixão da adolescência. Quanto ao título, afirma: “Hesitava na escolha destes três: ‘Eugênia’, ‘Perfeição’ e ‘Argila’. Por fim, depois de longo debate, fixou-se no primeiro, que foi o definitivo.” A razão da não inclusão do poema no livro é, ainda segundo Carlos Maul, esta: “Casado, amando profundamente a esposa, suspeitou que esta se magoasse com o que lhe parecia uma lembrança de felicidade que ele sonhara receber de outra.”¹⁹ Concluiu dizendo que Carlos Ribeiro conseguiu o consentimento da esposa do poeta, para incluir o soneto na Luz Mediterrânea...

Há várias imprecisões nessas reminiscências de Maul: não nos consta haja o soneto figurado em nenhuma edição do livro; ao que saibamos, Carlos Ribeiro era proprietário da Livraria São José, e, salvo a segunda edição, de 1928, que é do Anuário do Brasil, todas as demais são da Livraria Martins Editora; e, quanto ao título do soneto, não poderia ser “Eugênia” segundo Carlos Ribeiro, porquanto o próprio livreiro, ao mandar imprimir o soneto num cartão, como “Homenagem da Livraria S. José”, intitulou-o simplesmente “Soneto”...

Curioso é que, em Autores e Livros, em “A poesia de Raul de Leoni, numa seleção de trabalhos de ‘Luz Mediterrânea’”, figura o soneto, com o título “Argila”. E Luiz Santa Cruz, na coletânea dos “Nossos Clássicos”, incluiu o texto, com esse título, dando como causa de sua não publicação no livro “não pretender o poeta melindrar os escrúpulos cristãos e religiosos de sua mãe”.²⁰

Podemos dizer que esse soneto é, de todos os que compôs o poeta, o que mais se aproxima da dicção parnasiana, não a do Parnasianismo ortodoxo francês, mas a da vertente brasileira, em que o tom erótico se conjuga com a perfeição formal. E Raul de Leoni foi um poeta que soube trabalhar o verso com esmero. À maneira de Cruz e Sousa, cuja forma se aproximava mais do Parnaso do que do Símbolo, Raul de Leoni tem uma poesia que, em linhas gerais, mais se enquadra na corrente de Verlaine do que na de Heredia, mas sem irregularidades métricas. O que em vários de seus sonetos se encontra e que não é muito comum entre parnasianos (nem mesmo num simbolista como Cruz e Sousa) é a presença, num mesmo soneto, de rimas cruzadas num quarteito (em ABAB) e abraçadas em outro (em ABBA), como vimos em “A Hora Cinzenta”, “Prudência”, “Ingratidão”, “História Antiga” e neste do qual falamos mais demoradamente, e que alguns chamam de “Argila”.

Ainda resta, com relação à eugenia proposta pelo belo soneto, lamentar que o Nazismo de Hitler haja emprestado ao tema cores tão sombrias...

Mas não queremos encerrar estas notas sobre o poeta da Luz Mediterrânea sem um comentário, breve que seja, a respeito de um poema relativamente longo, e que por isto não poderá ser reproduzido na íntegra, mas cuja beleza poderá ser sentida mesmo através de alguns fragmentos. Trata-se de “Noturno”, poema polimétrico que é bem típico da dicção de Raul de Leoni, com sua atmosfera penumbriada e com a antropomorfização das árvores. Há trechos rimados e outros não. Inicia-se assim:

No parque antigo, a noite era afetuosa e mansa,
Sob a lenda encantada do luar...

Os pinheiros sonhavam cousas longas,
Nas alturas dormentes e desertas...
O aroma nupcial dos jasmims delirantes,
Diluindo um cheiro acre de resinas,
Espiritualizava e adormecia
O ar meigo e silencioso...

A ronda dos espíritos, noturnos,
Em medrosos rumores,
Gemia entre os ciprestes e os loureiros...

Na penumbra dos bosques, o luar
Entreabria clareiras encantadas,
Prateando o verde malva das latadas
E as doces perspectivas do pomar...

Vê-se que esta estrofe tem rimas nos quatro versos, o que não ocorre com as anteriores. Outras rimas aparecerão, mas assintematicamente. Fala o poeta das nascentes, com “Gorgolejos de águas frescas”, da “sombra espiritual dos eucaliptos” sobre a areia, projetando “desenhos indecisos”. Também fala de “Ressonâncias sonâmbulas” que, vindas de longe, traziam “A longa, a pungentíssima saudade / De cavatinas e mandolinatas...” Vem em seguida uma estrofe com uma imagem nova para a época:

Lembro-me bem, quando em quando,
Entre as sebes escondidas,
Um insidioso grilo impertinente,
Roendo um som estridente,
Arranhava o silêncio...

Logo em seguida, é belo o efeito da repetição integral dos versos iniciais do poema: “No parque antigo, a noite era afetuosa e mansa, / Sob a lenda encantada do luar...” Revela o poeta-narrador que, bem criança, mas com a sensibilidade de “um poeta de símbolos profundos”, passou toda a noite com o olhar perdido “No azul sonoro, o azul profundo, o azul eterno / Dos eternos espaços constelados...” Era a primeira vez que o poeta contemplava o mundo, pensando no mistério das coisas. Para ele, aí começou a história de sua alma, “curiosa dos abismos”. E revela o poeta: “Diante da noite azul – eu senti e pensei / O meu primeiro sofrimento humano / E o meu primeiro pensamento eterno...” E a criança se perdia, pensando nas “esferas infinitas” e na “lenda universal das distâncias eternas”.

Mais uma vez se repetem os dois versos iniciais do poema.
Transcrevamo-lo daqui até ao final:

No parque antigo, a noite era afetuosa e mansa,
Sob a lenda encantada do luar...

Foi nessa noite antiga
Que se desencantou para a vertigem
A suave virgindade do meu ser!

Já a lua transmontava as cordilheiras...
Cães ladravam ao longe, em sobressalto;
No pátio das mansões, na granja das herdades,
O cântico dos galos estalava,
Desoladoramente pelos ares,
Acordando as distâncias esquecidas...

E, então, num silencioso desencanto,
Eu fui adormecendo lentamente,
Enquanto
Pela fria fluidez azul do espaço eterno
Em reticências trêmulas, sorria
A ironia longínqua das estrelas...

É interessante observar, neste poema, a capacidade de evocação do poeta, inclusive do ponto de vista plástico; ele é um poeta mais de idéias do que de pinturas, mas, ao rememorar paisagens e sons captados na infância, cria um clima encantatório que nos faz sentir o ambiente daquela noite longínqua.

Com relação às notas filosóficas que surgem ao longo de seus versos, decerto fruto da curiosidade surgida naquela noite, podemos repetir José Helder de Souza: "Sua intenção literária, digamos, era filosofar poetando ou poetar filosofando na mais bela e sentida maneira de poetar: confessionalmente, humanamente..."²¹

Raul de Leoni não foi um parnasiano; sua poesia aproxima-se mais do Simbolismo, como vimos, não obstante não ser inteira-

mente alheio a uma ou outra nota daquela corrente, o que não representa demérito, como poderá parecer à miopia de alguns. Na verdade, era foi um autêntico pré-modernista, no melhor sentido do termo, oscilando entre o Classicismo e Simbolismo. Foi acima de tudo um grande artista. Talvez não seja exagero repetir, com Múcio Leão, que ele foi “o mais harmonioso dos nossos poetas”.²²

Notas

1. Apud AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. Poetas do Modernismo. Brasília, MEC, v. 4, 1972, p. 125.
2. LIMA, Alceu Amoroso. Quadro Sintético da Literatura Brasileira. 2. ed. Rio de Janeiro, Agir, 1959, p. 69.
3. GÓES, Fernando. O Pré-Modernismo. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1960 (Panorama da Poesia Brasileira, 5), p. 345.
4. BOSI, Alfredo. O Pré-Modernismo. 2. ed. São Paulo, Cultrix, 1967 (A Literatura Brasileira, 5), p. 11.
5. ALBUQUERQUE, Medeiros e. “Raul de Leoni e Sua ‘Luz Mediterrânea’.” In Autores e Livros (Suplemento Literário d’A Manhã), dir. Múcio Leão. Rio de Janeiro, n.º 15, 23.11.1941, p. 298.
6. CRUZ, Luiz Santa. Raul de Leoni (trechos escolhidos). Rio de Janeiro, Agir, 1961 (Nossos Clássicos, 58), p. 22.
7. MURICY, Andrade. Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro. Rio de Janeiro, INL, v. 3, 1952, p. 192.
8. RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. Poesia Simbolista (antologia). São Paulo, Melhoramentos, 1965, p. 220.
9. MURICY, Andrade. Op. cit., p. 194.
10. CARPEAUX, Otto Maria. Pequena Bibliografia Crítica da Literatura Brasileira. 2. ed. Rio de Janeiro, MEC, 1955, p. 222.
11. BANDEIRA, Manuel. Apresentação da Poesia Brasileira. 3. ed. Rio de Janeiro, Casa do Estudante do Brasil [1957], p. 107.
12. GANNS, Cláudio. “Luz Mediterrânea”. In Autores e Livros, cit., p. 107.
13. ANDRADE, Rodrigo M. F. de. Prefácio, In LEONI, Raul de. Luz Mediterrânea. 8. ed. São Paulo, Martins [1952], p. 12.

14. RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. Op. cit., p. 224.
15. CRUZ, Luiz Santa. Op. cit., p. 39.
16. ANDRADE, Rodrigo M. F. de. Op. cit., p. 10.
17. BENEVIDES, Walter. Sobre Raul de Leoni. Rio de Janeiro, São José, 1973, p. 9.
18. GRIECO, Agrippino. Evolução da Poesia Brasileira. Rio de Janeiro, Ariel [1932], p. 153.
19. MAUL, Carlos. "História de um Soneto de Raul de Leoni", In Revista da Academia Fluminense de Letras, v. XIV, Niterói, abril de 1970, p. 87.
20. CRUZ, Luiz Santa. Op. cit., p. 79.
21. SOUZA, José Hélder de. Raul de Leoni, Poeta de Transição. Brasília, s. ed. [1984], p. 17.
22. LEÃO, Múcio. "O Mais Harmonioso dos Poetas", In Autores e Livros, cit., p. 297.